**O MENINO DO DEDO VERDE**

O MENINO DO DEDO VERDE é uma adaptação do livro infantil homônimo, de Maurice Druon, feita por Alberto Rodrigues, com o Grupo de Teatro da Unijuí, que representou a cidade de Ijuí, no Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS.

O livro narra a história de Tistu, que, 'desde pequeno era especial, de um modo que ninguém sabia, nem ele mesmo. Seu primeiro professor, Bigode (jardineiro da casa), descobriu que ele tinha o polegar verde, isso significa que onde ele colocasse o polegar iriam nascer flores. Fez isso na prisão e no hospital. Uma vez fez acabar uma guerra, florindo a boca dos canhões. Após um tempo, Bigode faleceu! Como falaram a Tistu que Bigode estava no céu, ele fez crescer uma grande planta  para que ele pudesse subir e buscar Bigode ou que Bigode pudesse descer. Enquanto ele subia, seu pônei Ginástico, roía a planta. Quando Tistu se deu conta, estava subindo sem tocar em nada e via que em si havia lindas asas brancas! No final o que Ginástico deduziu era que Tistu era um anjo!' (Fonte Wikipedia).

O grande mérito do espetáculo está na solução cênica encontrada pela direção, ao criar, em desenho animado, toda a ambientação necessária para o desenvolvimento das ações, sendo o mesmo projetado ao fundo, durante toda a encenação, sobre uma tela branca. O resultado é encantador, cativante e instigante, obra meticulosa e trabalhosa, que vem a reforçar o talento de Alberto Rodrigues em sua atividade-mãe - por assim dizer - as artes visuais. E o resultado desta mescla rara de história em quadrinhos animada - com atores reais - é surpreendente. Algo que, a princípio, deixou-me apreensivo e que, felizmente, mostrou-se muito bem concatenado, funcionando tudo no momento exato, como uma mágica fábrica de ilusões. Tudo é muito delicado. Tudo é muito frágil e sensível, como se assistíssemos algodão doce com alma.

Laís Damer saí-se muito bem como o menino Tistu, o primo pobre de O Pequeno Príncipe, francês como ele, porém bem menos chato e verborrágico do que o seu primo mais famoso. O único senão, a meu ver, à composição do personagem em questão, fica por conta de uma peruca muito senhoril e penteada de maneira muito feminina, o que entra em choque com toda a construção da atriz, que consegue neutralizar os gêneros, de maneira bastante eficaz.

A apresentação esteve bastante sem ritmo, com muitas pausas e silêncios, beirando a experimentações tchekovianas, sem sustentação interna. A trilha sonora, especialmente composta, entra na senda da delicadeza da encenação, muitas vezes criando barrigas de redundantes monocordismos.

Ao Jardineiro e ao Pônei, personagens caros ao protagonista, coube a tarefa da narração da história, o que seria uma boa solução, não fosse a falta de energia dos atores com tal incumbência, sendo isto um dos elementos que levam o espetáculo a uma falta de dinâmica e 'joie de vivre' (já que estamos diante de um original francês), massacrantes.

Os figurinos de alguns personagens - como a mãe eternamente de gala, com direito à estola e chapéu - devem ser revistos e buscar-se a unidade dos mesmos.

Percebe-se e entende-se que o grupo dedicou-se de corpo e alma à árdua tarefa e ao desafio contagiante (e gratificante) da criação do cenário virtual. Ressente-se, no entanto, pelo fato de que o mesmo não se tenha expandido a todos os quesitos que a encenação demanda. São, na verdade, ajustes técnicos que, creio eu, o grupo irá solucionar com um piscar de olhos. Estão com a faca e o queijo nas mãos. Eu, enquanto platéia, estou ansioso para que eles me entreguem o sanduíche completo, onde cada ingrediente tenha o sabor e a qualidade justamente distribuídos, sem interferências que alterem o nosso paladar.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.